

Do Contributo do *Symbolicum* para uma Filosofia Política

Moisés David FERREIRA*
Universidade de Évora (Portugal)

RESUMO: Procurará o presente trabalho, tomando como matriz analítica as linhas mestras de estruturação do projecto da filosofia das formas simbólicas de Ernst Cassirer e as sementes de pensamento político presentes no mesmo, explorar a vinculação da política a uma concepção alargada do ser humano, olhado não estritamente como *animal rationale*, mas como *animal symbolicum*. Dentro deste âmbito, aprofundar-se-á a crítica de Cassirer, desenvolvida na obra *O Mito de Estado*, ao uso e deliberada manipulação do mito na esfera do político, notando as distorções que tal estratégia tende a induzir nos objectivos da política enquanto actividade orientada ao bem da comunidade.

A estruturação da acção política sobre a ideia de ser humano enquanto *animal rationale* induz uma nefasta distorção, por ignorar tacitamente que a acção humana e a determinação e liberdade individuais não assentam exclusivamente numa racionalidade linear, mas também, muito largamente, em factores emocionais e intuitivos. Torna-se, pois, imperativo pensar uma racionalidade que se harmonize com essas outras facetas. A conceptualização do ser humano como *animal symbolicum* parece exactamente oferecer o quadro de referência que viabiliza tal tarefa.

Se pessoa não se cumpre na aridez do exercício estrito da racionalidade, mas num criativo e integrador assumir dessa faculdade na sua relação com a emocionalidade e a intuição, então a acção política não pode pressupor meramente a fechada unidimensionalidade do ser humano que tudo é capaz de conhecer e esclarecidamente escolher e decidir, mas, ao invés, ter como ponto de ancoragem uma pluridimensionalidade aberta que se projecta numa sempre construtiva (in)determinação na qual racionalidade, emotividade e intuição se interpenetram e complementam. A pessoa realiza-se no compromisso com o pleno desenvolvimento das suas faculdades e potencialidades, no respeito pelo outro, e, no seu devir constante, move-se sobre uma permanente possibilidade de reconfiguração de si e do mundo que deve urgentemente ser reconhecida.

PALAVRAS-CHAVE: Ernst Cassirer; Antropologia Filosófica; *symbolicum*; mito político moderno.

* Doutorando em Filosofia no Departamento de Filosofia da Universidade de Évora, Portugal; Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Portugal. **E-mail:** mdsgferreira@gmail.com

ABSTRACT: The present paper, having as analytical matrix the main lines of structure of Ernst Cassirer's philosophical project of the philosophy of symbolic forms and the seeds of political thought contained in it, will try to explore the link between politics and a wide conception of the human being, pictured not strictly as an *animal rationale*, but as an *animal symbolicum*. From this point of view, it will be deepened Cassirer's criticism of the use and deliberate manipulation of the myth inside the sphere of the political, criticism which is developed in his book *The Myth of State*. Consequently, the distortions which such strategy tends to induce in the goals of politics as an activity aimed at the common good will also be pointed out.

The construction of the political action upon the idea of the human being as an *animal rationale* creates a tragic distortion, because it tacitly ignores that human action and individual determination and freedom are not exclusively rooted in a lineal rationality, but also, largely, in emotional and intuitive factors. It becomes, then, an imperative to think a rationality susceptible of being harmonized with those other aspects. The conceptualization of the human being as an *animal symbolicum* appears to offer exactly the frame of reference necessary to make viable such task.

If the person does not accomplish itself through the aridity of the strict performance of rationality, but, instead, creatively and integratively assuming the faculty of rationality in its connection with emotionality and intuition, then political action can not merely presuppose the closed unidimensionality of the human being which is capable of knowing and plainly choosing and deciding in all matters, but, on the contrary, has to have as an anchoring point an opened multidimensionality, projected in an always constructive (un)determination in which rationality, emotionality and intuition interpenetrate and complement themselves. The person accomplishes itself in the commitment with the full development of its faculties and potentialities, in the respect for the other, and, in its constant change, moves over a permanent possibility of reshaping itself and the world which urgently needs to be acknowledged.

KEYWORDS: Ernst Cassirer; Philosophical Anthropology; *symbolicum*; modern political myth.

1. Introdução

Na última obra que veio a publicar em vida, intitulada *O Mito do Estado*, Ernst Cassirer, dando cumprimento no âmbito prático ao seu projecto da filosofia das formas simbólicas, desenha um itinerário de compreensão do fenómeno moderno do Estado totalitário nazi. Essa análise leva-o a perspectivar o problema do totalitarismo político de um modo que parece tornar legítima a sua consideração enquanto forma simbólica autónoma (GAUBERT, 1996: 58), atribuindo-lhe a designação de «mito político moderno» (CASSIRER, 1993: 18). Caracterizado por um preocupante recuo do pensamento racional no âmbito da vida social e da vida prática (Cassirer, 1993, p. 18) e pela afirmação de um pensamento mítico regressivo servido da hipertrofia de uma racionalidade técnica (CASSIRER, 1993: 380-381; GAUBERT, 1996: 58), o mito político moderno colocou, evidentemente, um sério entrave à emancipação dos indivíduo e das sociedades.

Apesar de o trabalho de Cassirer se reportar a acontecimentos ocorridos durante a primeira metade do século XX, a profundidade e o alcance da sua reflexão mantêm-se mais do que nunca actuais, num momento em que a Humanidade enfrenta de novo uma aguda crise. Ademais, e em estreita relação com essa mesma crise, o dealbar do séc. XXI pode ser tido como período de recrudescimento de uma espécie de brando e velado totalitarismo: o totalitarismo do consumo; a ditadura da banalidade.

Importa, pois, seguir de perto o pensamento de Cassirer e observar como a filosofia política que faz emergir da sua filosofia das formas simbólicas pode ser fundamental não apenas para conservar uma visão clara de um momento sem precedentes na história humana, mas também, e sobretudo, para, compreendendo o tempo presente, delinear um futuro no qual o fortalecimento de uma racionalidade prática possa rasgar no horizonte um mundo onde o respeito efectivo pela vida, nas suas múltiplas manifestações, recupere a primazia.

2. Da situação de crise à emergência do mito político moderno

No início do séc. XX, a coalescência de um conjunto de tendências de pensamento há algum tempo em desenvolvimento nos círculos intelectuais e filosóficos ocidentais, aliada à fragmentação económica e social imposta pelo desemprego e pela inflação na Alemanha do pós-Primeira Guerra mundial, criou as condições propícias à ascensão do nazismo, do Estado totalitário, e do

mito político moderno. A estes factores, como elemento catalisador, juntou-se uma racionalidade técnica e instrumental, responsável pelo aprofundamento dos efeitos da situação de crise e pela radicalização das propostas lançadas para debelá-la (CASSIRER, 1993: 381).

A história tem ensinado que em períodos de grande agitação e instabilidade social, em que são questionadas desde o âmago as formas de organização da vida individual e comunitária e em que as aquisições conquistadas à custa do esforço de gerações se vêm seriamente ameaçadas, o género humano tende a voltar-se para soluções desesperadas, derradeiro bastião de defesa daquilo com que tinha aprendido a identificar-se. Quando é a própria vida a ser colocada em causa, surgem respostas que orientam intensamente todos os recursos disponíveis para restaurar o anterior equilíbrio.

Também nas sociedades míticas é reconhecível este padrão. As forças míticas só são totalmente mobilizadas quando é necessário enfrentar algo que coloque em perigo iminente a vida comunitária, ou quando os indivíduos são postos à prova em trabalhos que largamente excedem as suas capacidades. Na ausência de tensões, o recurso a elementos míticos circunscreve-se a áreas muito particulares, ao mesmo tempo que a organização social decorre sob a influência de um certo princípio de senso: os problemas que podem ser resolvidos por meios técnicos não o serão, em regra, através de estratégias míticas. Pode dizer-se que há, nestas sociedades, algo como um domínio secular que, quando a acalmia impera, não é afectado nem pela magia nem pela mitologia (CASSIRER, 1993: 374-376).

Ora, o mito político moderno surge também como resposta mítica de última instância a uma situação desesperada. Apesar de a organização mítica ter dado lugar a uma organização racional das sociedades, certo é que a conquista da racionalidade nunca conseguiu ficar verdadeiramente imune ao poder do mito. Se a manutenção da racionalidade é mais fácil em períodos de estabilidade e paz políticas entre os Estados e os indivíduos, tal não sucede em ocasiões de tensão e insegurança, nas quais as forças racionais tendem a recuar. O mito, efectivamente, encontra-se sempre pronto a invadir e dominar o espaço que a razão possa deixar em aberto (CASSIRER, 1993: 378).

Todavia, essa resposta-limite que constitui o mito político moderno adquire contornos particulares que a fazem distinguir-se muito claramente das respostas dadas pelas sociedades propriamente míticas em situações de natureza semelhante. A identificação dessa diferença contribui para captar a grande particularidade do mito político moderno. Com efeito, no âmbito das sociedades míticas a implantação do pensamento racional é ainda rudimentar, o que o faz coexistir paralelamente ao mito. Pelo contrário, nas sociedades modernas, a razão, atingindo um nível de desenvolvimento superior – traduzido, em política, pela criação e aperfeiçoamento de instituições

complexas regidas por princípios de organização e actuação de alcance tendencialmente universal, exemplarmente articuladas no organismo do Estado –, vai acabar por deixar uma indelével marca no espírito humano, e, confrontada com a irrupção do mito, não poderá já verdadeiramente ceder-lhe todo o espaço, sendo antes posta ao seu serviço para lhe garantir a máxima eficácia e expansão.

Dominado por profundos e quase incontroláveis impulsos emocionais [«O mito é o desejo personificado», recorda Cassirer, citando a expressão de Douffé (1993: 378)], o homem contemporâneo vê-se impelido quer a encontrar razões que justifiquem o mito nascente, quer a forjar estratégias racionais que tornem mais acessível e penetrante esse mesmo mito.

A hipertrofia da racionalidade instrumental e calculista, herdada do desenvolvimento técnico-científico em contínua expansão desde o período da revolução industrial, vai servir ao mito como meio de imposição da sua vontade de poder e do seu impulso de dominação cultural, ao ponto de se tornar legítimo afirmar que o mito político moderno se transforma numa «verdadeira ciência e técnica da cultura» (GAUBERT, 1996: 59). O *homo magus* da idade da magia – em simultâneo, *homo divinans*, aquele capaz de sintonizar-se com a vontade dos deuses e predizer o futuro ou profetizar (CASSIRER, 1993: 389-390) –, o *homo magus*, dizia-se, e o *homo faber* da idade da técnica encontram-se paradoxalmente amalgamados no contexto do mito político moderno, tornando pela primeira vez o mito alvo de manipulação deliberada para a obtenção de resultados específicos e premeditados (CASSIRER, 1993: 380-381).

Por seu turno, a ânsia de obter razões justificativas do mito político moderno acaba por levar à apropriação acrítica de teorias, por si mesmas largamente questionáveis, para além de incompatíveis entre si, de dois autores da segunda metade do séc. XIX: por um lado, a teoria do culto dos heróis, de Carlyle; por outro, a teoria do culto da raça, de Gobineau.

Da teoria de Carlyle, que se esforçou por dar uma feição racional a um conjunto de ideias marcadas pela irracionalidade, embora nunca tenha ambicionado transformá-las em programa político, (CASSIRER, 1993: 380), fixar-se-á, no âmbito do mito político moderno, a noção de força associada à figura do herói como motor da história, desligando-a da conotação moral a que o autor a vinculava e identificando-a a força física e ascendente de dominação. Pouco mais será necessário para legitimar a figura do ditador, em torno da qual se concentrará todo o desejo emanado do mito.

De Gobineau será retida a noção de superioridade racial e a feroz recusa dos grandes valores religiosos e morais, o que concorrerá para o aumento da coesão do espírito colectivo dominado pelo mito político moderno. Embora o nacionalismo alemão emergente não fosse combinável com o racismo de

Gobineau, (CASSIRER, 1993: 330), Cassirer imputará ao pensamento do autor graves responsabilidades na legitimação do totalitarismo de Estado.

Para além destes autores, Cassirer destaca ainda a influência indirecta de contributos teóricos de dois outros pensadores no reforço do mito político moderno: Oswald Spengler e Martin Heidegger. Em ambos Cassirer nota, sob formas diversas, é certo, o ressurgimento do motivo mítico arcaico da preeminência sobre os seres humanos de um destino implacável que não pode ser contrariado (CASSIRER, 1993: 392). Spengler, segundo a análise de Cassirer, faz-se porta-voz dessa espécie de fatalismo mítico ao arrogar-se a descoberta de um método de predição dos acontecimentos históricos e culturais, através do qual vai justificar a tese do declínio e destruição inevitáveis da civilização do Ocidente (CASSIRER, 1993: 391 e 396); Heidegger, com a sua noção de derrelicção do homem, acaba também por induzir num franco conformismo ao defender que o ser humano não deve esperar ser capaz de alterar substancialmente as condições da sua existência, desencorajando desse modo os esforços na reconstrução da vida cultural em situações de sério compromisso, como no caso da imposição do mito político (CASSIRER, 1993: 395).

Todas estas teorias terão concorrido, a seu modo, e em maior ou menor extensão, para fortalecer e legitimar de um ponto de vista «racional» a técnica do mito político, com os seus objectivos claramente definidos.

3. Para uma compreensão orgânica e etiológica do mito político moderno

Cassirer justificará em parte o poder de dominação do mito político moderno denunciando nele uma estratégia subtil de manipulação da linguagem, i. e., de modificação deliberada da sua função, visando fins bem determinados.

Recorda o autor que a linguagem pode desempenhar essencialmente duas funções: uma *função mágica* ou uma *função semântica*. No âmbito da sua função semântica, é utilizada na descrição de coisas ou de relações entre coisas, ao passo que no contexto da sua função mágica se orienta para produzir determinados efeitos e alterar o curso dos fenómenos naturais (CASSIRER, 1993: 382).

O mito político moderno, efectivamente, procura de uma forma sistemática substituir o uso semântico pelo uso mágico da linguagem. Novas palavras são criadas e postas em circulação, ao mesmo tempo que antigas palavras sofrem ligeiras modificações e/ou uma mais ou menos marcada alteração de sentido. Tudo destinado ao despertar de intensas e escravizantes emoções, concorrendo para a consolidação do poder de dominação do mito (CASSIRER, 1993: 382).

A descrita manipulação da linguagem, para alcançar plena eficácia, é complementada por uma ritualização da vida colectiva. Facilitada pelo uso mágico da linguagem, inebriante pela profusão e intensidade dos sentimentos desencadeados, a introdução de novos ritos cria o ambiente propício à manutenção e reforço dessa imersão em emoções exacerbadas. A destruição da esfera privada e o reforço da identidade colectiva arruinam, por sua vez, qualquer possibilidade de afirmação crítica e de reacção organizada.

Correspondendo a uma severa regressão civilizacional, a substituição da função semântica proposicional da linguagem, incidindo no significado, pela função mágica e expressiva, incidindo no significante, parece ser o grande detonador e fonte de alimentação do mito político moderno (GAUBERT, 1996: 49).

A corrupção moral e social patente no mito político tem na sua origem, para Cassirer, aquilo a que se poderia chamar patologia da consciência simbólica, ou, nas palavras de Gaubert, intérprete de Cassirer, «depressão simbólica» (GAUBERT, 1996: 32), ou «desordem da função simbólica» (GAUBERT, 1996: 49).

Cassirer, ao afirmar, na sua obra *Ensaio Sobre o Homem*, que o ser humano é um *animal symbolicum*, mais do que *animal rationale* (CASSIRER, 1960: 55), caracteriza o símbolo como sendo pertencente ao universo propriamente humano do significado. Distinto dos sinais, pertencentes ao reino do ser e dotados de um valor meramente operativo, os símbolos são designadores, possuindo já um valor funcional. Os símbolos são exclusivos da linguagem proposicional; os sinais, por seu turno, são do domínio da linguagem emocional, a cuja compreensão os animais superiores têm ainda acesso (CASSIRER, 1960: 64-65).

No interior do espaço simbólico, surgem as chamadas *formas simbólicas*, formas de organização social e cultural de pensamentos, desejos e sentimentos (CASSIRER, 1960: 118). A emergência das formas simbólicas resulta, por sua vez, do dinamismo entre três fases que constituem o âmago da faculdade semiológica especificamente humana: as fases (1) *expressiva-mimética*, (2) *representativa-analógica* e (3) *significativa-puramente simbólica* (GAUBERT, 1996: 66).

O mito político moderno consiste precisamente num recuo da função simbólica – deliberado, recorde-se – da fase significativa-puramente simbólica à fase expressiva-mimética. O símbolo regride, transforma-se em sinal, com a sobreposição entre significante e referente e a erosão do significado; a linguagem proposicional cede lugar à linguagem emocional; a subjectividade e a consciência de si, conquistadas no espaço do simbólico, sofrem um sério revés, sendo substituídas pelo primado do concreto e por uma reificante objectivação do subjectivo. É este o cenário propício à intensificação da

profunda crise moral e do dismantelamento de valores que caracterizam o mito político moderno (GAUBERT, 1996: 67). Reduzida a função simbólica à sua mais rudimentar vertente de expressão emocional, extingue-se a margem para pensar a alteridade.

4. Do mito político moderno à restauração da função simbólica

Sob a supremacia da técnica, define o espaço de afirmação da moral, sendo o dinamismo teleológico desta, enquanto conjunto de princípios e acções orientadas para o *outro*, no reconhecimento pleno da sua singularidade e do seu espaço de liberdade, auto-criação e devir, destruído pela regressão da função simbólica ao seu nível expressivo.

Quer a técnica, da ordem da racionalidade formal e instrumental, quer o mito, da ordem do puramente emocional, tendem para hegemonia, contribuindo assim de maneira poderosíssima, conjugados no mito político moderno, para a profunda descaracterização da própria humanidade do ser humano.

No sentido da luta contra o mito político moderno, Cassirer, segundo a leitura de Gaubert, procurará revalorizar a importância da vontade e do agir no âmbito da sua filosofia das formas simbólicas, destilando a partir desta uma filosofia prática centrada na política, no direito e na moral (GAUBERT, 1996: 64). Segundo Gaubert, tal corresponderá a uma refundação da filosofia das formas simbólicas «segundo o princípio do primado da razão prática» (GAUBERT, 1996: 65).

A constituição da política, do direito e da moral como formas superiores do agir dependerá essencialmente da restituição da linguagem ao seu âmbito significativo, numa recuperação da função semântica. Através da vertente significativa da função simbólica, o espírito humano abandona a subjugação ao empírico, a coacção do aqui e do agora, e abre-se, mediante a autonomização do símbolo, ao reino da possibilidade, da u-topia e da u-cronia. Torna-se pensável um futuro, e, através da linguagem, já no âmbito da sua função semântica, irrompe a aspiração a um estado de emancipação e plena consideração do carácter de alteridade do outro. A capacidade simbólica passa a poder representar não somente o que é, mas também o que pode e deve ser, inaugurando o espaço para que o agir se afirme enquanto aproximação a esse dever-ser (GAUBERT, 1996: 73 e 77).

Em Cassirer, a desconstrução do mito político moderno está dependente de uma filosofia prática entendida como onto-semiologia transcendental (GAUBERT, 1996: 80). Pela restituição da função simbólica ao seu carácter propriamente significativo, a razão prática torna-se apta à fecundação pelo

transcendental. Em estreita relação com a onto-semiologia derivada do refinamento do simbólico, o domínio do transcendental permanece não na ordem do substancial, mas do funcional, do subjectivo e do formal, coincidindo com a capacidade de o ser humano se regular por um conjunto de princípios normativos que figuram a humanidade emancipada e lançam a luz, sempre a conservar como destino em direcção ao qual se caminha, finalmente capaz de contrariar o mito político moderno e de solidamente garantir a justiça e a paz.

Cassirer, chamando a atenção para a necessidade de perspectivar o político a partir de um *corpus* de conhecimento sistematizado, preconiza, assim, uma aproximação científica ao mesmo. O diagnóstico do mito político moderno como resposta insuficiente, elementar e altamente perniciosas a situações de crise política e social, bem como a proposta de reabilitação do âmbito do simbólico no exercício da razão prática, são contributos fundamentais a ter em conta na construção de uma ciência do político.

Para Cassirer, a restituição do político à sua dignidade fundamental passará, então, não somente pela reabilitação de todo um espectro de valores éticos e pela conversão do político em palco privilegiado de aplicação de tais valores, mas igualmente por não perder de vista as próprias condições de possibilidade da revitalização e do exercício desses mesmos valores, relacionadas com a restauração simbólica da razão prática. E tal constitui uma tarefa ininterrupta – porque o que de verdadeiramente humano há no homem é algo a cada momento a alcançar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CASSIRER, Ernst (1960). [*Ensaio Sobre o Homem: Introdução à Filosofia da Cultura Humana*] (Carlos Branco, Trad.). Lisboa: Guimarães Editores.
- _____ (1993). [*Le mythe de l'État*] (Bertrand Vergely, Trad.). Paris: Éditions Gallimard.
- GAUBERT, Joël (1996). *La Science Politique d'Ernst Cassirer: Pour une refondation symbolique de la raison pratique contre le mythe politique contemporain*. Paris: Éditions Kimé.